

■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ As tecnologias na Educação Infantil: crianças conectadas, professor desconectado

 Magalis Béssem Dorneles Schneider *

Resumo: O objetivo deste relato é realizar uma discussão crítica sobre as tecnologias e sobre a aparente desconexão entre professor e o aluno na Educação Infantil. As questões são: os professores estão conectados com a realidade tecnológica? Quem é o professor e quem é o aluno quando se trata da tecnologia? Neste relato, apresentam-se os dados sobre a utilização do laboratório de informática em duas escolas do DF, além de uma análise documental do Projeto Político Pedagógico dessas escolas¹. Nos resultados, fica evidente que ocorre uma desconexão entre professor e aluno quando se trata das tecnologias digitais. Conclui-se que cabe agora ao professor se aproximar do mundo digital do aluno e utilizar esses recursos para apoiar, facilitar e principalmente contribuir para a qualidade na educação infantil.

Palavras-chave: Educação infantil. Tecnologias. Nativos digitais.

* Magalis Béssem Dorneles Schneider é Pedagoga, especialista em Educação à distância, Administração escolar e psicopedagogia, doutora em Educação pela Universidade de Brasília – UnB. Professora Dr^a Adjunta da Universidade Federal do Tocantins- UFT, Campus Arraias-TO. Professora pesquisadora da Política de formação de Professores da Universidade Aberta do Brasil - UAB/UnB, polos de Carinhonha- BA, Alto Paraíso-GO, Alexânia- GO, Cidade de Goiás- GO, Acrelândia, Brasileira e Xapuri no Acre. Professora pesquisadora da Institucionalização da Educação Superior a Distância nas Universidades Federais da Região Centro-Oeste UNB/UFG/UFMT/UFMG/UFMS. Pesquisadora da formação inicial e continuada de professores para atuação na Educação Básica, Práticas pedagógicas dialógicas e emancipadoras na sala de aula, Tecnologias na educação e no ambiente virtual de aprendizagem moodle (UFT). Pesquisadora dos grupos: HISTEDBR-DF e Análise, formação de professores e intervenção pedagógicas (UnB). Pesquisadora do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares- CEAM/FORM/UnB e da Formação de professores PNAIC/UFT-Tocantins- 2016/2017. Contato: magalisbesser@uft.edu.br / magalisdorneles@gmail.com.

Introdução

As novas tecnologias e o aumento exponencial da informação disponível a todos levaram a uma nova organização do trabalho; neste sentido, se faz necessária uma correspondente especialização dos saberes, além de uma colaboração transdisciplinar e interdisciplinar frente a esse novo paradigma na educação e no papel do professor (MERCADO, 1998).

As tecnologias são uma realidade e seu avanço é notório em todos os segmentos da sociedade moderna. Elas estão presentes em nosso cotidiano e precisamos utilizá-las na educação, incluindo-as no processo de ensino e aprendizagem, como elementos que contribuem para a qualidade na educação. Isto exige uma nova postura do educador e da escola, pois muitos educadores ainda resistem a essas mudanças.

O objetivo deste relato é realizar uma discussão crítica sobre as tecnologias e a aparente desconexão entre professor e o aluno na Educação Infantil. As questões são: crianças e professores estão conectados com a realidade tecnológica? Quem é o professor e quem é o aluno quando se trata de tecnologia?

Esta reflexão é fundamentada em teóricos como Sancho (2006), Prensky (2001), Palfrey (2011) e Kleiman (1995), que discutem as novas tecnologias e os chamados “nativos digitais”.

Discutir o papel das tecnologias na educação implica também compreender o processo de letramento digital, percebendo como professores e alunos relacionam-se com os recursos tecnológicos e com os conhecimentos construídos dentro e fora da escola.

Kleiman (1995, p. 19) define o letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Neste contexto, é importante compreender quais os principais desafios e conflitos que se defrontam o professor e o aluno, neste momento histórico da sociedade tecnológica. Em outras palavras, o que se deseja é ampliar o debate sobre o uso das tecnologias e o papel do professor na educação infantil, numa perspectiva crítica e emancipadora.

Crianças conectadas ou nativos digitais?

Os nativos digitais são caracterizados como as crianças que nasceram depois de 1980, quando chegaram as tecnologias digitais. As crianças nascidas nesse período em diante têm as habilidades para usar essas tecnologias com domínio e agilidade:

É provável que você tenha ficado impressionado diante de algumas habilidades dos nativos digitais. [...] Talvez seu filho tenha “Photoshopado” uma nuvem de uma foto de férias

familiares e a transformado no cartão de natal perfeito (PALFREY, 2011, p. 11).

A questão é que hoje muitos pais estão assustados e temerosos com o domínio que os filhos têm das tecnologias. Palfrey (2011) em seu livro *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais* afirma que hoje as crianças são capazes de estudar, escrever, ouvir músicas e interagir uns com os outros de maneiras diferentes (distintas das da época em que os pais tinham a mesma idade), sendo capazes de lidar com diferentes situações e meios ao mesmo tempo. As crianças de hoje leem blogs, obtêm suas músicas online, usam o telefone celular, procuram seus jogos online, leem livros virtuais, adotam bichinhos virtuais, ou seja, conectam-se numa cultura comum para elas, mediadas pelas tecnologias digitais.

E esse mundo não é somente das crianças, mas também dos jovens e adultos, pois inclusive os professores estão inseridos nesse mundo tecnológico. As crianças também observam seus pais acessarem as tecnologias, pagarem contas em caixas eletrônicos, lerem jornal na internet, falarem nas redes sociais, nos aplicativos de mensagens instantâneas de grupos de amigos, família ou fazendo compras pela internet.

O fato é que a era digital transformou o modo como as pessoas vivem e se relacionam umas com as outras e com o mundo que as cerca. Mesmo aquelas pessoas mais velhas, não nativas do ambiente digital, vivem em um ambiente permeado pelas tecnologias, onde enviam e-mails, utilizam as redes sociais e conversam pelo celular.

As crianças de hoje não conhecem ou não se lembram de cartas datilografadas, muito menos escritas à mão; ou então de que as pessoas se reuniam em festas formais em vez de nas redes sociais. Essa nova geração não tem de reaprender nada para viver no mundo digital, porque já está familiarizada com esse mundo.

Constata-se assim que as crianças da Educação Infantil são nativas digitais, e por isso não há como deixar a tecnologia fora da sala de aula. O fato é que os nativos digitais estão constantemente conectados com o mundo virtual e têm muitos amigos, tanto reais quanto virtuais. Até mesmo enquanto dormem essas crianças estão sujeitas às conexões que são realizadas online e que ficam arquivadas para elas as encontrarem a cada novo dia quando despertam (PALFREY, 2011).

As amizades online dos nativos digitais são parecidas com as tradicionais, existem interesses compartilhados, interações frequentes, e podem ser duradouras ou fáceis de acabar. Palfrey (2011) salienta que os nativos digitais são muito criativos, pois se expressam de formas diferentes, conseguem aprender num minuto como tirar, baixar e editar fotos, criar mundos paralelos, fazendo uso de ferramentas como *Second Life*, *youtube* e blogs.

Sancho (2006) afirma que não é possível fugir de tudo isso, pois as tecnologias estão aí, são reais e vieram para ficar. Portanto, o professor não poderá deixar de se atualizar, se aproximar desse mundo das crianças, pesquisar e articular as tecnologias com a educação, caso contrário estará fadado a viver num mundo paralelo, obsoleto e permeado de conflitos e relutâncias.

Fica evidente que as crianças de hoje e consequentemente os alunos não são os mesmos, pois mudaram e com isso aconteceu uma descontinuidade do que era no passado. Isso provoca insegurança em muitos professores.

Prensky (2001) afirma que as crianças do maternal representam as primeiras gerações que crescem com as novas tecnologias: CDs, DVDs, webcams, pendrives, TV a cabo, câmeras de vídeo, telefones celulares e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Atualmente, um aluno adulto da faculdade passou menos de 5.000 horas de sua vida lendo; porém, acima de 10.000 horas jogando vídeo games (sem contar as 20.000 horas assistindo à televisão). Isto sem contabilizar os jogos de computadores, e-mails, a internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas que são partes integrais de suas vidas (PRENSKY, 2001).

As tecnologias na escola

Com o advento das tecnologias, a escola se depara com três caminhos, conforme Brito (2006): repelir as tecnologias e tentar ficar fora do processo; apropriar-se da técnica e transformar a vida em uma corrida atrás do novo; ou apropriar-se dos processos, desenvolvendo habilidades que permitam o controle das tecnologias e de seus efeitos.

Para Sancho (1998),

A falta de conhecimento sobre aspectos sociais, políticos e econômicos das tecnologias e o fato de vivermos em sociedades cada vez mais dominadas pelo 'artificial' confronta-nos dia-a-dia com inúmeros paradoxos (p. 23).

A falta de conhecimento poderá fazer o professor entender que o computador e outras ferramentas tecnológicas tornam o ensino desumano, pois em muitos aspectos parecem mecânicos, "frios" e alheios aos processos de interação. No entanto, o computador, como as demais tecnologias, é apenas uma ferramenta, um meio, que dependerá do uso social e das intencionalidades. Por isso, é importante o conhecimento do professor, a fim de que possa orientar e educar os alunos na perspectiva da criticidade e prática social.

Sabe-se que há décadas têm se discutido e até implementado em algumas escolas os recursos pedagógicos inovadores, no sentido de torná-las tecnológicas e transformadoras para o processo de ensino. No entanto, não basta apenas mudar a escola com as novas

tecnologias, é fundamental considerar também a dimensão humana desse processo, os professores, que lidarão com os recursos da tecnologia.

A concepção tradicional, conteudista, é muito presente na escola atual, que ainda sofre com a ausência da inclusão tecnológica dos professores. Além da resistência pelo desconhecimento dos professores no uso das tecnologias na sala de aula, existe também a falta de formação e incentivo para o uso dos laboratórios de informática.

Alfabetização digital do professor

De um ponto de vista cultural e pedagógico, as tecnologias ocasionam uma situação totalmente inédita. É preciso que se diga que a situação é eminentemente incômoda, pois com o advento das tecnologias, os papéis de aluno e professor invertem-se, pelo menos na medida em que se trata do uso das tecnologias. O professor torna-se o aluno e o aluno o professor.

A nova geração nasceu num universo invadido pelas imagens e ícones. Isto faz parte de seu horizonte cultural. Os alunos da Educação Infantil já pertencem a uma civilização icônica, enquanto os professores pertencem a uma civilização pré-icônica. Daí essa situação sem precedentes na história da pedagogia. Neste contexto, os professores precisam pelo menos tentar alcançar seus alunos. Não é impertinente pensar que os programas de iniciação destinados às crianças deveriam ser ministrados primeiro aos professores. Caso contrário, seria como se um analfabeto tivesse pretensão de ensinar a alguém que já sabe ler o bom uso da língua (SAMPAIO, 1999).

Para alcançar esse objetivo, procurando cumprir sua responsabilidade social, a escola precisa contar com professores capazes de captar, entender e utilizar na educação as novas linguagens dos meios de comunicação eletrônicos e das tecnologias, que cada vez mais se tornam parte ativa da construção das estruturas de pensamento dos alunos.

O professor, sintonizado com a rapidez desta sociedade tecnológica e comprometido com o crescimento e a formação de seu aluno, precisará, além da capacidade de análise crítica da sociedade, também de competências técnicas que o ajudem a compreender e organizar a lógica construída pelo aluno.

Essa capacidade será necessária para utilizar as tecnologias e suas diferentes linguagens com o objetivo de orientar o aluno e de transformá-lo em um ser autônomo, capaz de entender criticamente as mensagens dos meios de comunicação, sabendo selecionar e avaliar. Existe, portanto, a necessidade de transformações do papel do professor e do seu modo de atuar no processo educativo.

Cada vez mais esse educador deverá levar em conta o ritmo acelerado e a grande quantidade de informações

que circulam no mundo de hoje, trabalhando e se apropriando de maneira crítica das tecnologias. Isso faz com que a formação do educador se volte para a análise e compreensão dessa realidade, bem como para a busca de maneiras de agir pedagogicamente diante dela. É necessário que professores e alunos conheçam, interpretem, utilizem, reflitam e dominem criticamente as tecnologias – inclusive para que não sejam dominados por elas.

A ideia de alfabetização tecnológica do professor não pode ser compreendida na sua plenitude sem antes ser contextualizada. Para isso, nada melhor do que perceber que neste último século o mundo vem se desenvolvendo com tamanha rapidez que em poucos anos, transformou-se, em termos de produção material e cultural, mais do que nos séculos já passados. A velocidade e a abrangência das transformações foram ainda maiores a partir da década de 1950, com a revolução tecnológica e o início da era da informática. Avanços como leitura ótica dos preços dos produtos nos supermercados, pesquisadores e pessoas em geral ligados em rede de computador, bancos 24 horas, tomografia computadorizada, rádio e TV via satélite, constituem provas de que vivemos em um mundo cada vez mais mergulhado, dependente, guiado e produzido pela tecnologia. Mesmo em um país como o Brasil, com dificuldades de desenvolvimento e dependente em muitos aspectos, a tecnologia já está no dia-a-dia das pessoas (KAWAMURA, 1990).

O espaço de informática em duas escolas públicas do Distrito Federal

Os laboratórios de informática das duas escolas apresentadas fazem parte de uma pesquisa etnográfica exploratória, que ocorreu de 2014 a 2015, como parte do projeto “Pacto pela Alfabetização na Idade Certa no Distrito Federal: reflexões sobre a formação continuada de Professores e resultados de aprendizagem”, que teve como objetivo geral investigar os elementos constituintes de práticas pedagógicas bem sucedidas em classes de alfabetização das 14 (quatorze) Coordenações Regionais de Ensino do Distrito Federal. Estas duas escolas foram selecionadas por motivo de terem crianças na Educação Infantil e Anos iniciais, além de terem laboratórios de informática desativados. As escolas serão denominadas A e B para preservar as suas identidades.

A escola A possui uma sala de informática com seis computadores, porém não é utilizada conforme o esperado pela comunidade escolar por falta de ter um professor de informática para trabalhar com os alunos. É importante salientar que esta sala tem o intuito de fomentar a inclusão tecnológica e também de aprimorar a prática pedagógica dos professores.

Ao fundo da sala é possível ler a mensagem: “A informática é arte que ensina a pensar de um modo diferente”; isso parece irônico, já que a sala não é utilizada para aulas de informática e inclusão digital.

Em decorrência da falta de um professor de informática e da falta de interesse dos professores em utilizar pedagogicamente os computadores, a sala é utilizada para reuniões de professores e para depósito de material escolar.

A escola B também possui uma sala de informática com computadores que também não é utilizada para fins pedagógicos e de prática docente. Nessa escola este espaço é utilizado para o reforço escolar dos alunos.

Percebe-se nessa sala a quantidade de computadores que poderiam estar sendo utilizados para a perspectiva pedagógica tanto da Educação Infantil como para os demais segmentos. Os professores e gestores, quando questionados sobre os motivos pelos quais não utilizavam estes espaços com o propósito da formação tecnológica, responderam que a maioria dos professores possui dificuldade em incluir recursos tecnológicos em sua prática pedagógica, além de nutrirem pouco interesse pelo tema, haja vista que a preocupação principal daquelas comunidades escolares sempre gira em torno da formação cognitiva e social das crianças (frequentemente, isso se resume à alfabetização).

Figura 1. Sala de informática escola A



Fonte: autora

Figura 2. Sala de informática escola B



Fonte: autora

As tecnologias no Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas A e B

Foram analisados os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas que declararam ter projetos de informática educativa, cujos objetivos eram: conhecer as partes do computador; desenhar e pintar no programa de pintura; desenvolver apresentações eletrônicas de atividades interdisciplinares; realizar exercícios educativos usando o computador; e utilizar a internet como fonte de conhecimento e complemento dos estudos, dentre outros.

As metodologias que as escolas se propõem a utilizar para a realização dos projetos são aulas teóricas e práticas, exercícios e atividades lúdicas no computador, pesquisa na internet e desenvolvimento de projetos concomitantes com outras disciplinas. No entanto, os professores dos segmentos da educação Infantil e Anos Iniciais não utilizam os laboratórios de informática da escola. Percebeu-se certa comodidade e insegurança por parte da comunidade escolar. De um modo geral, as propostas de inclusão das tecnologias na sala de aula da Educação Infantil ficam no papel. O que é declarado no Projeto Político Pedagógico não é praticado pelas escolas.

Considerações finais

Nos casos analisados, a maioria dos professores estava pouco conectada com a realidade tecnológica das crianças. Neste sentido, percebeu-se o conflito de gerações e de interesses que existe. Enquanto as crianças – nativos digitais – estão conectadas com o mundo das

tecnologias, a maioria dos professores está desconectada do mundo das crianças e do mundo das tecnologias.

Percebeu-se que nos laboratórios das duas escolas utilizadas como amostra, os professores não se sentem preparados para trabalhar as tecnologias com as crianças, pois precisam de um professor de informática para trabalhar esse tipo de conhecimento. O que é declarado no Projeto Político Pedagógico não é praticado. Além disso, existem limitações nos próprios objetivos traçados no documento, que visam apenas trabalhar mecanicamente e tecnicamente o computador, sem contextualizar com as demais tecnologias.

É preciso ter a consciência de que as tecnologias estão na nossa realidade e que, se o professor não procurar saber lidar com esse conhecimento, ficará apenas como o espectador, enquanto o aluno se torna cada vez mais o professor. Contudo, para a inclusão das tecnologias na sala de aula da Educação Infantil é necessário pesquisar, romper paradigmas e ter o propósito de transformação das formas de ensinar e aprender, utilizando novas estratégias e metodologias que procurem formar cidadãos críticos e preparados para a sociedade do conhecimento.

Certamente, será uma nova era para a educação, onde os professores transformar-se-ão com as tecnologias e assim enriquecerão o ensino na sala de aula, com os trabalhos interdisciplinares, as pesquisas, as trocas de conhecimento e as produções escolares. As tecnologias são realidades no contexto escolar e estarão presentes cada vez mais nos ambientes de ensino e aprendizagem. Não adianta mais fechar a porta da sala de aula e deixar a tecnologia para fora.

Nota

- ¹ O presente artigo constitui um recorte de uma pesquisa financiada pelo CNPq, na modalidade universal (2014-2017), intitulada: Pacto pela Alfabetização na Idade Certa no Distrito Federal: reflexões sobre a formação continuada de Professores e resultados de aprendizagem (UnB/CEAM/CFORM).

Referências bibliográficas

- KAWAMURA, L.K. **Novas Tecnologias e educação**. São Paulo: Ática, 1990.
- KLEIMAN, Â. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola". In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.
- MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação docente e novas tecnologias**. IV Congresso RIBIE, Brasília 1998. Disponível: <http://www.ufrgs.br/niee/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/210M.pdf> acesso em 15 de dezembro de 2017.
- PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro, 2001). Tradutora Roberta de Moraes Jesus de Souza- UCG. Disponível: <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/fetch/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf> Acesso em 14 de dezembro de 2017.
- PALFREY, John. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- SANCHO, J. M.; HERNANDEZ, F.et al.(Org). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- _____. **Para uma Tecnologia Educacional**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- SAMPAIO, Marisa Narciso. Alfabetização tecnológica do professor. In: **LEITE**, Lígia Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.